

O poder do capitalismo sobre a sociedade: a técnica e as mídias de massas como ferramentas de manipulação ideológica sobre a essência humana

Carlos Eduardo Krüger⁴

1 Introdução

A trajetória humana aponta para um rumo indefinido. O seu destino é incerto, instável, impreciso. O comportamento humano coloca em risco a própria sobrevivência. As transformações decorrentes da intervenção humana, através da técnica, estão tornando mais enigmática a sua existência e a sobrevivência, em função das alterações que tais intervenções produzem, tanto de forma específica no seio da vida humana, como na ampla biodiversidade sobre a qual crescem e se mantêm as demais formas de vida.

A criação do dinheiro e a decomposição de tudo em capital mudou os referenciais da vida humana e do senso originalmente comunitário e empático para o pensamento individualista e egocêntrico. Essa intervenção profunda do sistema capitalista impõe o padrão de vida onde o capital redesenha as determinações orgânicas em benefício próprio, manipulando no intento da acumulação e concentração do poder econômico nas mãos do seletivo grupo hegemônico detentor do capital.

Diretamente relacionadas, as mídias de massas fazem um trabalho importante para o sistema capitalista, quando incutem na sociedade a necessidade de consumo. Essa manipulação ideológica afronta instintos e sentimentos naturalmente humanos, favorecendo o individualismo e a desconstrução de culturas diversificadas de modos de viver.

A partir do nebuloso e complexo contexto vivido pela humanidade hoje, é pertinente debater e refletir sobre alguns questionamentos que se insurgem nesse ambiente. As dúvidas e incertezas a serem trazidas aqui envolvem, essencialmente, as relações humanas pautadas pelo capitalismo e seus pilares sustentadores. Assim, busca-se descobrir quais são os limites do poder do capitalismo

4 Mestre em Direito UFSM. Pesquisador do Grupo “Trabalho e Capital: Retrocesso Social e Avanços Possíveis” (UFRGS/RS), Câmpus Porto Alegre/RS. Integrante do Projeto Ambiental Ecumênico “Galo Verde” – Gestão Sustentável (SC). Apoiador da Frente Ampla em Defesa da Saúde dos Trabalhadores. Professor da rede privada de ensino em Três Passos/RS. E-mail: educarlos.kruger@gmail.com

sobre a sociedade. Desse modo, a evolução do capitalismo pode atenuar as mazelas que até então ele próprio deu causa? A técnica veio para melhorar a vida humana ou para ser o braço direito do capitalismo? É possível pensar em sobrevivência da espécie humana em face das suas escolhas insustentáveis?

Para tanto, o texto foi dividido em três partes, que contemplam essa realidade. Inicialmente, são tratadas as mutações sociais impostas pela idade da técnica. Na sequência, parte-se para o modo padronizado de pensamento e as mídias manipuladoras de massas. Ao final, é abordado o consumo desmedido e a vida acelerada como ferramentas alienantes ao sistema.

Como metodologia, nesta reflexão teórica nos utilizamos da revisão bibliográfica através de resumos e fichamentos sobre doutrina e legislação. O método de abordagem presente é o hipotético-dedutivo e o procedimento é o monográfico, vinculando-se às bases do materialismo histórico. A natureza qualitativa da abordagem deve-se ao fato de buscar reflexões jurídicas, sociológicas e filosóficas relativas ao tema.

2 As mutações sociais impostas pela idade da técnica

A chamada “Idade da Técnica” teve o seu início posterior aos primórdios da era humana sobre a Terra. Naqueles tempos, o simples fato de descobrir as diversas aplicações de uma pedra lascada impulsionou a criação de ferramentas úteis para a vida cotidiana, tanto individual, quanto em grupos ou tribos. As técnicas para o desenvolvimento de instrumentos, portanto, partiram de ferramentas tidas como brutas e toscas até atingir o apogeu, nos tempos atuais, da pesquisa nas ciências da microeletrônica e da informática.

A fase atual se desenha desde o século XX, com ênfase na necessidade do regime nazista, tanto para a comunicação interna, quanto para com as relações internacionais. A produção a partir do saber prático implantou, gradativamente, um sistema de agrupamentos, na medida em que os países que não se inseriam nas evoluções tecnológicas, estariam fadados ao isolamento, afetando o diálogo internacional, a comunicação em rede e as relações comerciais dela decorrentes. A produtividade de bens e serviços foi impulsionada pelo sistema capitalista, no qual se passou a priorizar a disponibilidade de grande quantidade de produtos no mercado, favorecendo o comércio e o próprio sistema de trocas.

O contexto em tela acabou por segregar quem não seguia a corrente produtivista, quem não se submetia aos mandos do mundo tecnológico, o que influenciou na gradativa adesão de boa parte das nações aos investimentos massivos em produção e comercialização a partir das inovações tecnológicas. Esse meio

de submissão acabou influenciando na postura quanto aos valores éticos e morais, visto que estava inserido no método de manipulação de informações, de acordo com os ditames e os interesses do sistema capitalista.

Assim, passou-se a determinar a utilidade e o preço de tudo o que há no mundo a partir da ótica materialista, seguindo a perspectiva da acumulação e multiplicação do capital, beneficiando os detentores dos meios de produção em detrimento do bem comum. Relegaram-se os princípios humanistas, éticos e morais da vida em sociedade que viessem a se contrapor a essa vertente essencialmente excludente e egocêntrica.

A vida ultramoderna, comandada pelo capitalismo desumano e seus algoritmos indutores, cria necessidades das quais a vida humana não depende naturalmente. A sobreposição de valores é notadamente uma estratégia eficaz para o controle do capital, desvirtuando a busca pela felicidade para fontes materiais e para a criação de uma cultura do consumo. Desse modo, incute e alicia as pessoas para consumirem bens materiais de curta vida útil e alta rotatividade, caracterizando a obsolescência programada que leva ao consumismo incessante e ao descarte inadequado. É pertinente pontuar que “esses ‘novos tempos’ carregam traços e práticas exploratórias impetuosas e degradantes da condição humana, [...] severamente assolada em prol da acumulação de riquezas, o principal tentáculo do sistema capitalista.” (KRÜGER, 2020, p. 237).

Os meandros utilizados pelo poder hegemônico estabelecem prioridades na mente da população que, na essência, pouco ou nada agregam para a vida, a não ser o envolvimento nesse mundo do consumismo e da superficialidade das vivências e das relações interpessoais. É notório que resta modificado o sentido da vida, tornando-a algo meramente supérfluo, na medida em que os valores supremos de humanismo, ética, moral e bons costumes acabam sendo apagados do instinto humano. A ênfase crescente das novas tecnologias e a decorrente substituição do homem pela máquina, como Karl Marx⁵ já previa, permite um pensamento de abandono da vida humana defendido, curiosamente, pelos próprios humanos, em detrimento do reinado absoluto e ilimitado do capital e da sua prole, a evolução da técnica.

Se, então, a técnica passou a ser o sujeito da história e o ser humano seu servo obediente, o humanismo pode ser dado por concluído, e as categorias

⁵ O trabalho produz obras maravilhosas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas mutilação para o trabalhador, **substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas**. Produz espírito, mas produz idiotice, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2015, p. 307-308). (Grifos neste estudo).

humanísticas, que até agora nós adotamos para ler a história, se tornam insuficientes para interpretar a época iniciada com a era da técnica. (GALIMBERTI, 2015, p. 2).

O ser humano, única criatura dotada de racionalidade dentre as espécies da natureza e ocupante do topo da cadeia alimentar, agora passa a ser o servo da sua própria criação, qual seja, a técnica. A sua posição natural, que o consolidava como dominante dentre os demais seres vivos, hoje, aponta que ele está fadado ao fracasso, a ser superado, justamente, pela sua criação: os robôs e todo o complexo tecnológico imbricado, nas mais variadas formas de automatização do trabalho.

O tão afamado humanismo, arduamente conquistado, que reconcilia a dignidade humana com a própria espécie, torna-se um jogo derrotado, em virtude da mudança drástica de princípios e de referenciais estruturantes da sociedade democrática contemporânea. Já não se vislumbra a plenitude do aspecto humano permeando os espaços sociais. A maquinaria está subjugando o ser humano, podendo levá-lo à extinção.

Com esse arcabouço de vieses, “[...] a questão não é mais: ‘o que podemos fazer com a técnica’, mas ‘o que a técnica poderá fazer conosco’”. (GALIMBERTI, 2015, p. 18). A perda de controle do humano e o esvaziamento de sua liberdade residem, portanto, nessa evolução da técnica e no seu domínio global, largamente impulsionada pelo capitalismo. Tal cenário desafia a liberdade constitucionalmente assegurada, perfazendo um risco iminente de retrocesso. “Resta evidenciada a importância da democracia e das instituições estatais para impor limites à exploração capitalista, combatendo possíveis flertes com instintos exploratórios aflorados nos tempos prévios à democracia.” (KRÜGER, 2021, p. 101).

3 O modo padronizado de pensamento e as mídias de manipulação de massas

O controle dos indivíduos pelo aparelho estatal leva a população a viver segundo os parâmetros de quem os conduz. O termo “panóptico”⁶ tem plena

⁶ A relação íntima entre o panoptismo e a padronização de comportamentos não é novidade. O termo “panóptico” foi aprofundado nos estudos de Jeremy Bentham (2008) e Michel Foucault (2007). A análise se iniciou em locais de vigilância e contenção de grupos de pessoas que precisavam ser mantidas em local fechado e isoladas da sociedade, como em casas de detenção e manicômios. Nesses locais, uma torre alta com vista ampla permitia a observação de todos os controlados, acompanhando o seu comportamento continuamente. Adaptando o termo para o sistema democrático-estatal atual, o Estado (representado pelo governo eleito – a

aplicabilidade para a análise em tela. Na medida em que o comportamento social é algo onde o controle vertical (Estado-sociedade) exerce o seu poder, o próprio pensamento da população também é moldado conforme tais determinações, constituídas a partir da democracia civilizada e gerida pelo poder estatal.

A influência para a adesão a determinados tipos de comportamento é verificada através dos aparelhos e conglomerados corporativos midiáticos, também chamados de “mídias de massas”⁷, que penetram o subconsciente da população e incutem o consumo de determinados produtos ou a prática de certos tipos de comportamento. Uma possível verificação ética ou moral de tais condutas geralmente é realocada para um segundo plano, isto quando ela assim se dá.

A “ideologia”⁸ é, nesse viés, o elemento que define a manipulação de pensamento direcionada para a sociedade, partindo do núcleo poderoso e dominante do sistema capitalista. Levando-se em conta que este sistema orienta as ações nas relações humanas na atualidade a partir do capital, é notável a decorrente e crescente desigualdade social patrocinada por este método de gestão de trocas vigente. Nesse sentido, Anthony Giddens e Philip Sutton (2017) asseveram que a *ideologia* tem a definição prática como sendo “ideias do ‘senso comum’ e crenças disseminadas em uma sociedade que servem, quase sempre indiretamente, aos interesses de grupos dominantes, legitimando a posição desses grupos.” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 228).

Assim, é evidenciada a relação entre o poder dominante e a salvaguarda de interesses puramente econômicos e elitistas, na medida em que se utiliza de meios “lícitos” para aprofundar as desigualdades e solapar a dignidade dos grupos vulneráveis. “Poucos discursos deram tanto lugar à ideologia quanto o discurso clínico ou o da economia política [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 208). De forma direta, Michel Foucault já reconhece a índole capitalista implícita nos discursos ideológicos, na medida em que o sistema capitalista conduz a sociedade de forma predatória, buscando perpetuar os abismos sociais e as históricas discrepâncias entre as camadas da sociedade, mantendo os privilégios para a elite e relegando as migalhas para a massa populacional despossuída de capital.

torre alta com vista ampla) estabelece alguns padrões a serem seguidos pela sociedade, fazendo o seu controle fiscalizatório e podendo acarretar em sanções administrativas, civis e penais no caso do seu descumprimento.

⁷ Mídias de massas: “Formas de comunicação como jornais, revistas, rádio, televisão e cinema, criadas para alcançar grandes públicos.” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 236).

⁸ “Forma de pensar, sentir e agir, correspondente aos interesses do grupo dominante, destinada a perpetuá-los em uma dada condição. [...] Iluminando intencionalmente determinados aspectos e ocultando outros que se julgam não convenientes a serem conhecidos [pela população/sociedade].” (PANSANI, 2011, p. 59-60).

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso. (FOUCAULT, 2007, p. 13).

O dilema na interpretação das coisas e na compreensão do mundo é constante. Contudo, atualmente, o desafio se apresenta maior ainda, considerando que as mídias de manipulação de massas exercem o seu papel de forma a preservar as desigualdades, influenciadas pelo poder econômico. Nessas circunstâncias, a diária construção do saber sofre influências das mais diversas, na qual há quem recebe e absorve muitas interferências, sem refletir sobre os fatos e os interesses postos em questão. De outro modo, há também aqueles que desconfiam de tudo, necessitam aprofundar-se para formar uma opinião e buscam uma análise mais criteriosa, afim de decidirem se assimilam ou refutam uma nova informação. Eis a importância de se constituir uma espécie de “filtro ideológico” de informações.

Em relação à temática, Ernildo Stein (2012) possui um posicionamento coerente. “As teorias da verdade certamente só tiveram condição de surgir no universo filosófico quando se tomou a sério o fato de que a forma lógica pertence à linguagem e que é um erro supor que pertença à realidade.” (STEIN, 2012, p.101). Stein perfaz um caminho para distinguir a lógica da realidade. Seu posicionamento esclarece que a linguagem é hábil para construir informações, mas que isso não necessariamente retrata a realidade. A verdade deve, portanto, estar apartada da lógica para uma boa reflexão, no caso de haver o interesse em descobrir o que é fato e distinguir do que é boato (ou *fake-news*⁹, nos termos atuais). A manifestação de Stein corrobora a postura de Foucault, posto que ambos prezam pela análise minuciosa das informações, em um profundo debate, para então formarem uma opinião ou um posicionamento concreto e devidamente fundamentado.

Contribuindo para esse diálogo, Douglas Cesar Lucas (2013) resgata a importância da conceituação do termo “cultura” e a sua direta relação com a padronização de pensamento e do panoptismo, na forma como se vê nos dias de hoje. “A ideia de cultura surge como uma noção ‘holística, orgânica, sensível, autotélica, recordável’; como defesa da diversidade de formas de vida específicas

⁹ “O termo *fake news* denomina a produção e propagação massiva de notícias falsas, com objetivo de distorcer fatos intencionalmente, de modo a atrair audiência, enganar, desinformar, induzir a erros, manipular a opinião pública, desprestigiar ou exaltar uma instituição ou uma pessoa, diante de um assunto específico, para obter vantagens econômicas e políticas.” (GALHARDI; et al., 2020, p. 4203.)

e não como narrativa unilateral e universal da humanidade.” (LUCAS, 2013, p. 166). Lucas rebate essa onda de uniformização de tudo, inclusive da própria História, convergindo para o debate ao se opor aos ditames uniformes do capital e das mídias de massa.

A cultura valoriza, essencialmente, a diversidade e a pluralidade entre os povos e as nações. Tal gama de formas de vida é o que enriquece a troca de experiências, e permite um vislumbre mais amplo, dinâmico e justo das necessidades humanas. Assim, o referido modo padronizado de pensamento e de vida na atualidade busca, entre outras coisas, a destruição da diversidade¹⁰ nas variadas formas de viver, bem como da cultura e história de cada indivíduo, povo e nação.

Tratando, agora, dos meios de comunicação em massa, que são exemplos de alto-falantes ideológicos da atualidade, observa-se que tais meios de comunicação refletem o que o sistema dominante apregoa. Assim, com vistas a retroalimentar o capitalismo e consolidar as estruturas de desigualdade existentes entre os extratos sociais, as mídias de massa manipulam a vida e a sociedade incitando o consumo e a vida descartável como algo bom e correto. O fato de não sofrerem alguma verificação da verdade, de maneira geral, as ideias levantadas pelas mídias de massa acabam por se passar como autênticas no seio social, sendo-lhes atribuída uma credibilidade plena que lhes é indevida ou, ao menos, precipitada.

Um questionamento pertinente vem das palavras de Néstor Garcia Canclini (2006), quando ele acende a sua crítica às “dóceis audiências”, que aceitam e se submetem à, absolutamente, tudo o que as mídias de massa apresentam. “Será que os adeptos da comunicação de massa não se dão conta de que os noticiários mentem e as telenovelas distorcem a vida real?” (CANCLINI, 2006, p. 59). Canclini coloca “contra a parede” todo o grupo social que é um verdadeiro “fantoche” nas mãos desse perigoso e influente sistema de meios de comunicação massivos. São reféns aqueles que se alimentam de notícias que são transmitidas somente por tais meios, sem um debate ou reflexão e um comparativo com outras fontes, e que estas sejam *fontes de informação*, e não apenas *meios de comunicação*.

¹⁰ “As elites e as classes intermediárias, notadamente detentoras de posses e imbricadas na estrutura midiática dominante, caracterizam o público convencional, este que ignora boa parte (senão todas) as violações culturais que desenharam cicatrizes na construção do Brasil. A publicidade de risco tem um viés hegemônico, herdado dos tempos da colonização. Naquela época, o seu modo de pensar e viver era imposto, devendo tornar-se a regra, combatendo e eliminando com as diferentes maneiras de viver e com a pluralidade de culturas que existia em prol do pensamento do homem branco.” (KRÜGER, 2020b, p. 255).

Delgado (2015), por sua vez, denomina as mídias de massa como um “quarto poder”, tamanha é a força e a amplitude da manipulação que exercem os seus noticiários na sociedade em favor da sua “estrutura-mãe”, qual seja, o sistema capitalista. “O chamado *quarto poder* desveste-se da independência investigativa e questionadora [...] para assumir o papel político-cultural cru de decisivo aparelho ideológico do capitalismo sem peias.” (DELGADO, 2015, p. 87). Vindo ao encontro da crítica contra esse tentáculo do capitalismo, Delgado aponta a relação entre o capitalismo e as mídias de massa, ilustrando o uso de todos os artifícios (legais e ilegais) para empobrecer cada vez mais aqueles que não questionam o que lhes vem pela frente.

Tarso Genro (2004), por sua vez, contribui de forma complementar, asseverando que “[...] a *taxa de manipulação da subjetividade dos indivíduos* aumenta. Esse processo manipulatório institui o ‘consenso artificial’ em relação aos valores, vagando os seus sentimentos e opiniões ao sabor da mídia.” (2004, p. 78). Genro indica, entre outros fatores, a transformação em artificiais os valores que norteiam a vida humana na contemporaneidade, notadamente traduzidos pelo consumismo, pelas relações descartáveis e pelo individualismo, plantados pela mídia em seu processo evidentemente manipulatório.

Em suma, afastando-se de sua missão constitucional¹¹ de investigar a tudo e a todos e a buscar a verdade, de forma imparcial e alheia de qualquer censura de natureza ideológica, a imprensa, ou mais especificamente, o conjunto das mídias manipuladoras de massa, está “abrindo o jogo”, escancarando a sua parcialidade em prol do sistema capitalista predatório, bem como aos interesses puramente econômicos que submetem a vida da população aos anseios excludentes e desiguais desse perverso sistema.

“É preciso um especial cuidado para não nos deixar enganar por colonialismos ideológicos disfarçados de progresso, que dilapidam identidades culturais e estabelecem um pensamento uniforme, único e débil”. (MIOTTO, 2018). Em uma entrevista do Papa Francisco, em janeiro de 2018, ele assim atribuiu um dos malefícios do capitalismo. Em entrevista, o Papa se referia ao extermínio das tribos indígenas na América do Sul. Contudo, essa crítica do Papa serve, também, para a sociedade como um todo, isto é, as vítimas do capitalismo de maneira geral, inclusive para os submissos às mídias manipuladoras e aos consumidores compulsivos.

¹¹ Sobre a liberdade de imprensa, a Carta Magna vigente assim estabelece: “Art. 220: A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. [...] § 2º: É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.” (BRASIL, 1988).

4 O consumo desmedido e a vida acelerada como ferramentas alienantes ao sistema

Para completar a análise sobre a padronização e a globalização do modo de vida impostas à sociedade atual pelo poder hegemônico capitalista, através dos seus múltiplos tentáculos, resta pertinente tratar, nesta parte final do estudo, do consumismo como algo posto como “natural”, atinente à vida contemporânea, bem como da aceleração dos processos vivenciados no dia-a-dia. Tais vértices acabam por atrelar, cada vez com maior grau de intensidade, a vida humana ao capital e aos seus métodos opressores.

Esse cenário é metaforicamente identificado na seguinte imagem: uma cobra se enrolando, sufocando e esmagando a sua vítima, tirando-lhe as forças, manipulando-a e sucumbindo com a sua existência. A cobra, portanto, é a personificação do capitalismo e de seus diversos instrumentos manipuladores. A vítima, notadamente, é o ser humano, essencialmente aquele que é despossuído e precisa entregar a própria pele (“despela”, nas palavras de Marx, 2013, p. 251) em troca de meios para a sua subsistência.

Nas palavras de Ulrich Beck, “é possível que a humanidade escolha uma via em cujo fim resida sua autodestruição.” (2018, p. 20). O individualismo, manifestamente constituído como um ramo do sistema do capital, conduz a humanidade por um caminho insustentável. Na atualidade, a sociedade se isola, cada qual na sua vida completamente individualizada, egocêntrica e dissociando-se a passos largos de características originárias da vida comum, em sociedade, como a solidariedade, a empatia, o respeito às diferenças.

O convívio social passou a ser um evento pontual, algo que remeta a uma comemoração tamanha a sua raridade¹², massivamente incentivado pelo consumo de roupas (indústria da moda), consumo de bebidas e alimentos, a organização de eventos, dentre outros setores direta ou indiretamente envolvidos nesse meio. Assim, o afloramento de impulsos consumeristas é a aparente “válvula de escape” para o alívio (momentâneo) do cansaço da vida quotidiana, do trabalho, da rotina, do estresse, do individualismo, dentre outros fatores da vida

¹² Aqui, trata-se de tempos anteriores ao período atual evidenciado pela pandemia da Covid-19. Assim, o contexto em tela aborda um período de eventos sociais, aglomeração e festividades de forma liberada, antes do contexto pandêmico registrado desde o início de 2020 em escala global, no qual as medidas de saúde e segurança determinavam, a partir de então, o distanciamento/isolamento social, a proibição de qualquer tipo de evento e aglomerações, a circulação de ar em ambientes fechados e a higienização intensa das mãos com água e sabão ou álcool em gel.

moderna. Frutos, estes, de um sistema norteado pelo enriquecimento egoísta e materialista, ceifando instintos naturalmente humanos de valores e princípios que se sobrepõem aos ditames do sistema em voga. Observa-se, dentre outros, o afloramento de sentimentos de apatia, indiferença e de discursos de ódio e de violência, perfazendo um preocupante retrocesso democrático.

Vejamos, como exemplo, o que desenvolvem, na sociedade líquida, as tendências forçosas do capitalismo e do individualismo, tão aliadas quanto voláteis. Elas se apossam do indivíduo e o dominam/controlam e impelem a ações com a consciência narcísica, narcotizada. (CASSOL; SILVA, 2021, p. 72).

Claudionei Vicente Cassol e Sidinei Pithan da Silva (2021) convergem para esse pensamento, no qual o capitalismo e o individualismo agem em conluio, buscando estritamente o enriquecimento material dos seus possuidores, manipulando e alienando a sociedade como um todo. O individualismo e o culto ao capital são mecanismos que influenciam, grandemente, para a superficialidade das relações humanas, além do gradual desaparecimento dos princípios éticos, morais e dos bons costumes, perfazendo uma desconsideração da dignidade da pessoa humana¹³ e do próprio caráter humano da sociedade, extirpando seus instintos naturais.

As mídias de massa, conforme tem se apresentado, apelam para as necessidades humanas e vendem o que querem apenas com a insistência e a repetição de suas propagandas. Cria-se bens de consumo a todo momento e uma cadeia produtiva ao seu entorno, atribuindo necessidades de tais invenções à vida humana, formando um leque de consumidores, uma rede de manutenção de tais equipamentos e um método de substituição constante por tecnologias superiores, efetivando a obsolescência programada.

Destruímos as florestas verdadeiras e construímos florestas anônimas de cimento. Enfrentamos o sedentarismo com esteiras ergométricas, a insônia com pílulas, a solidão com aparelhos eletrônicos, porque somos felizes longe do ambiente humano. (PERCY; DÍAZ, 2015, p. 117).

¹³ Em se tratando do Princípio Fundamental da dignidade da pessoa humana, consolidado na Constituição Federal vigente (BRASIL, 1988), cabe salientar um amparo conceitual doutrinário. Ingo Sarlet caracteriza a dignidade da pessoa humana como sendo “um valor intrínseco do humano [...], um valor próprio, não podendo, por tal razão, ser transformado em mero objeto ou instrumento de ação alheia”. (SARLET, 2015, p. 32-33).

Em uma obra na qual os autores Allan Percy e Leonardo Díaz (2015) relatam a vida e o legado do ex-presidente uruguaio, José Alberto Mujica Cordano, o popular “Pepe” Mujica, é evidenciada a descrição da realidade a partir dos olhos de Mujica, bem como as suas visões de mundo e como ele trabalha as possibilidades de escape dessa turbulência social fomentada pelas inovações tecnológicas. Por incrível que pareça, o homem moderno é forçadamente caracterizado como mais feliz na sua vida isolada do que quando em companhia, em comunidade, em união.

Além disso, as plantas medicinais que a humanidade dispõe, na própria natureza, para a eliminação de malefícios e a reposição de suas energias, estão sendo exterminadas intensamente por meio do desmatamento, das queimadas, do agronegócio, da grilagem de terras e da mineração, por exemplo. Como remédios, portanto, a ciência mercadológica cria composições químicas que tornam dependentes aqueles que necessitam aliviar suas mazelas físicas, psíquicas e emocionais, além de retroalimentar a máquina capitalista com o comércio de tais produtos.

Mudança climática não é mudança climática; é ao mesmo tempo muito mais e algo diferente. É uma reforma de modos de pensar, de estilos de vida e hábitos de consumo, da lei, da economia, da ciência e da política. [...] Capitalismo suicida. (BECK, 2018, p. 154).

Ulrich Beck (2018) resgata uma abordagem ampla sobre a problemática socioambiental que a humanidade atravessa nos tempos de hoje. Ampliando o leque de compreensão do termo, toda a situação que se refere ao “meio ambiente”, por decorrência envolve ao planeta como um todo. Isto é, os seres humanos, como dele fazem parte, a ele também estão relacionados em quaisquer situações. Sendo assim, ao tratar de mudança climática, o enfoque é direcionado aos atos praticados contra a biodiversidade, mas sopesando o autor desses atos: o ser humano.

Desse modo, não se pode abordar o desafio da mudança climática sem levar em conta o modo de pensar, de agir, de consumir, de degradar e de exterminar o meio, postura essa característica do ser humano, especialmente nos séculos mais recentes. A economia e a política estão diretamente imbricados nessa complexidade, das quais resultam as ações da sociedade, notadamente conduzidas pelo sistema de trocas vigente, o capitalismo. Beck já visualiza este sistema como insustentável, ou pior, *suicida*.

É com esse viés que surge a *Biosofia*, buscando o cuidado com a vida. A importância na observação, na reflexão e no sopesar dos paradigmas da sociedade contemporânea. A busca pela verdade, descortinada dos artifícios capitalistas, consumistas e individualistas que imperam nas relações em sociedade. Um ato de avaliar a vida na sociedade complexa do século XXI e buscar o amparo da Filosofia para esclarecer os verdadeiros interesses mascarados neste mundo de padronização de valores, culturas e ações. O cuidado com a vida humana que se reflete, inevitavelmente, no cuidado com a forma como se vive, como se comunica, como se estabelece valores de trocas e como se considera, se respeita e se protege a fonte biológica da vida humana: a biodiversidade da natureza.

Em uma constante análise desse contexto, Carlos Eduardo Krüger e Gilmar Antonio Bedin (2016) demonstram uma preocupação com a dominação sem limites do capital sobre o Planeta. Assim, “[...] é oportuno salientar que tamanha é a submissão atual dos diversos setores da sociedade ao poderio do capital que novas indagações são necessárias sobre as suas consequências.” (KRÜGER; BEDIN, 2016, p. 143). O fato de não se saber qual o desfecho da problemática atual é uma incógnita que requer um debate intenso e amplo, e não pode ser prorrogado. Isto, pois os questionamentos de hoje podem gerar uma mudança de rumo que permita uma nova era, onde se viva de forma mais acolhedora, humana e digna, abdicando-se do precário caminho consumista.

5 Conclusão

O percurso histórico erigido pelo ser humano o fez, em tempos distintos, viver o protagonismo de conhecer o seu meio e a si mesmo, mas também desenvolver inovações técnicas sobre as quais geralmente desconhecia os efeitos, estas que trouxeram e continuam trazendo prejuízos de toda a ordem para a sua espécie e para as demais. Contudo, a própria evolução do convívio social fez a ambição e o egoísmo transformarem alguns indivíduos, de modo que os tornaram pioneiros na criação de sistemas de trocas de bens conforme as suas necessidades. Gradativamente, a desproporção natural das trocas e a busca egocêntrica pela vantagem sobre os demais permitiram a criação e acumulação de riquezas, dando os primeiros passos para o trabalho alheio explorado, a mais-valia e o broto inicial daquele que seria o sistema social mais predatório já visto, o capitalismo.

A evolução desse método de produção teve diversas fases, de modo especial no atual período neoliberal, que desembocou nas liberdades exacerbadas do mercado. Nesse contexto, o poder do capital detém cada vez mais controle e influência, seja sobre a economia, a política as mídias e a sociedade. Nesta última, o seu exercício se dá através das mais diversas formas de doutrinação e manipulação sobre o pensar, o falar e o agir. O nazismo destacou-se como um exemplo clássico de controle sobre a população, em função de sua subordinação ao poder, conduzido para a idolatria e a submissão completa ao controle ideológico totalitário e ditatorial.

A elite capitalista, seguindo os ditames da era nazista, agora noutra roupagem, conduz a grande maioria da população para a manutenção da dita “ordem”, onde muitos sustentam o pequeno grupo, inquestionavelmente. As mídias manipuladoras de massa constituem uma extensão do poder dominante, onde o controle ideológico é reforçado nos discursos diários, afim de evitar levantes e instintos emancipatórios, mantendo a passividade da sociedade como se fossem meros “fantoques” e reproduzindo o cenário do panóptico. Os liames de condução da grande massa a levam ao consumismo, retroalimentando a máquina capitalista, reforçando a submissão e a aparente impotência diante dos poderosos que concentram as riquezas em suas mãos.

As culturas diversas, secularmente dissecadas e corroídas pelo método de produção e consumo implantado pelo capitalismo predatório, são lentamente dizimadas, o que causa prejuízos seculares e intergeracionais. Essa sistemática acarreta na multiplicação do capital nas mãos dos capitalistas que, aliados aos instrumentos midiáticos, induzem necessidades falsas para a sociedade, limitando o uso dos seus produtos pela obsolescência programada. O individualismo e a solidão surgem como transformações na constituição humana, uma vez que desencontram o ser humano dos valores éticos, morais e de vida em comunidade do qual são naturais.

O alerta sobre a crise existencial vivenciada na atualidade, largamente esmiuçada no transcórre deste debate, é algo que deve fazer repensar. A *Biosofia*, portanto, busca trazer luz ao caminho irracional trilhado neste século pelo homem teoricamente dotado de razão. Deste modo, é importante frisar a necessidade de reflexão acerca dos pensamentos, das palavras, das atitudes e das consequências humanas, de sobremaneira no tocante à era da técnica, da velocidade, da fragilização das relações humanas, da alienação ao poder do capital e da mudança de valores e paradigmas da civilização atual, bem como da transformação da natureza de forma irresponsável e insustentável. Faz-se necessária a reconfiguração de mundo, uma releitura da vida atual e traçar um paralelo com

os princípios humanos éticos, morais, socioambientais e os bons costumes que estavam bem vivos há alguns séculos atrás, e que foram se perdendo, esmorecendo, esfriando em função das modificações estruturantes escancaradas nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: novos conceitos para uma nova realidade. Maria Luiza Borges (Trad.). – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BENTHAM, Jeremy; [et. al.]. **O panóptico**. Traduções de Guacira Louro e Tomaz Tadeu. - 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/81000/mod_resource/content/1/TC%20O%20pan%C3%B3ptico.pdf>. Acesso em 10 jul. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 107 de 2 de julho de 2020. Brasília, 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.htm Acesso em: 10 jul. 2021.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Maurício Santana (trad.). 6. ed. - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASSOL, Claudionei Vicente; SILVA, Sidinei Pithan da. Dicionário crítico-hermenêutico de Zygmunt Bauman: processualidades, construções e aprendizados. In: PRESTES, Fabiane da Silva; et al. **Escrita e pesquisa em educação nas ciências** : experiências do pós-doutorado. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2021. p. 59-78. Disponível em: <<https://www.editorailustracao.com.br/livro/escrita-e-pesquisa-em-educacao-nas-ciencias#test2>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DELGADO, Mauricio Godinho. **Capitalismo, trabalho e emprego**: entre o paradigma da destruição e os caminhos de reconstrução. - 2. ed. - São Paulo: LTr, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Luiz Felipe Baeta Neves (trad.). - 7. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 23a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. GALHARDI, Cláudia Pereira; et al. **Fato ou Fake?** Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. Scielo, 2020, p. 4201-4210. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

GALIMBERTI, Humberto. O Ser Humano na Era da Técnica. Sandra Dall’Onder (trad.). **Cadernos IHU ideias**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos,

Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 13, n. 218, vol. 13. – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/218cadernosihuideias.pdf> Acesso em: 10 jul. 2021.

GENRO, Tarso Fernando Herz. **Utopia Possível**. 3. ed. - Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 2004.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. **Conceitos essenciais da Sociologia**. Claudia Freire (Trad.). – 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2017.

KRÜGER, Carlos Eduardo. **A banalização histórica do trabalho escravo, a abolição brasileira e a posterior exclusão social**: uma trajetória incoerente e aviltante. In: SILVA, Thiago Cedrez da; SIMÕES, Elvis Silveira (Orgs.). *História regional: mosaicos do passado brasileiro*. Porto Alegre: Editora Mundo Acadêmico, 2021, p. 94-104. Disponível em: https://2091a25b-833a-473f-af3e-817630b95c49.file-susr.com/ugd/4a0b98_feb46bd937ce41e68c811fa0a06c1483.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

KRÜGER, Carlos Eduardo. A reprodução do trabalho análogo ao de escravo e os enlaces com a reforma trabalhista no Brasil recente. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 7, n. 18, set./dez. 2020, p. 230-252. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/45277>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

KRÜGER, Carlos Eduardo. As tecnologias e a sua capacidade social e emancipatória: as redes sociais como instrumentos democráticos e contra hegemônicos. In: Congresso Nacional de Investigação em Direito Educativo (CNIDE), 2., 2020b, p. 252-262. Frederico Westphalen. **Anais**. Organizadores: PACHECO, Luci Duso; [et al]. – Frederico Westphalen/RS, 2020. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos/351.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

KRÜGER, Carlos Eduardo. BEDIN, Gilmar Antonio. **Os trabalhadores e o papel do descanso, do lazer e do ócio em suas vidas**. In: ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; NIELSSON, Joice Graciela; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi (orgs.). *Debatendo o Direito*. Bento Gonçalves, RS: Associação Refletindo o Direito, 2016, p. 141-152. Disponível em: <<http://files.revista-refletindo-o-direito.webnode.com/200000330-16e6217de6/DEBATENDO%20O%20DIREITO%20-%20VERS%C3%83O%20FINAL.pdf>> Acesso em 10 jul. 2021.

LUCAS, Doglas Cesar. **Direitos humanos e interculturalidade**: um diálogo entre a igualdade e a diferença. – 2. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

MARX, Karl. **Cadernos de Paris; Manuscritos econômico-filosóficos**. José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco (Trad.). – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*: Livro I: o processo de produção do capital. Rubens Enderle (Trad.). - São Paulo: Boitempo, 2013.

MIOTTO, Tiago. “**Precisamos escutá-los**”: Papa Francisco diz que povos indígenas nunca estiveram tão ameaçados. Disponível em: <https://cimi.org.br/2018/01/precisamos-escuta-los-papa-francisco-diz-que-povos-indigenas-nunca-estiveram-tao-ameacados/> Acesso em 10 jul. 2021.

PANSANI, Clóvis. **Pequeno dicionário de sociologia**. – 2. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. **Pepe Mujica**: simplesmente humano. Marcelo Barbão (trad.). Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade (da pessoa) humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988**. – 10. ed. – Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2015.

STEIN, Ernildo. **As ilusões da transparência**: dificuldades com o conceito de mundo da vida. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

